



## A liberdade como compromisso ético\*

Marcio Doctors

O compromisso maior de Mário Pedrosa é com a liberdade. A liberdade é sua convicção primeira e o que norteia sua ação no mundo. É fundamental que se entenda que a liberdade para ele não é um valor abstrato e romântico. É um valor constituinte. Não é uma exterioridade a ser conquistada por um ato voluntarioso. Não é uma mistificação da razão, mas uma necessidade vital, parafraseando o seu primeiro livro *Arte, necessidade vital*. Para ele só há vida real onde há liberdade e só há liberdade real onde há vida. Liberdade e vida estão indissolivelmente associadas no seu pensamento e na sua ação.

A maneira como Mário Pedrosa apreende essa questão é espinosana. Não estabelece uma relação de causa e efeito entre vida e liberdade e vice-versa, mas uma estrutura de geração interna em que uma é razão da outra. Uma é causa necessária da outra: a vida fecha-se na liberdade, e a liberdade fecha-se na vida. Substitui o axioma de Espinosa "a potência de Deus é sua própria essência" por "a liberdade e a vida são potência e essência de si mesmas". Neelas, potência e essência são iguais. É por isso que não são uma exterioridade a ser conquistada pelo livre-arbítrio (por um ato voluntarioso), mas são uma afirmação da vontade, mas vontade entendida aqui como o que não tem como ser de outra forma: um compromisso ético. Liberdade e vida passam a ser um conjunto coeso. Aproximam-se de uma através da outra.

Por isso Mário Pedrosa dedica-se à arte e à política. Considera essas duas atividades os lugares onde exercita-se a liberdade. Não podemos nunca esquecer sua brilhante definição de arte como exercício experimental da liberdade. Para ele a liberdade é exercitada e experimentada. Isso significa que ela é da ordem do afeto. Não é uma produção isolada e racionalizada da realidade. Ao contrário, ela está inserida na vida e no mundo, e precisa desse entorno para existir. Ela é uma prática. Ela é afeto

puro. Para Mário Pedrosa o afeto vem antes da razão. O afeto é um escoadouro, que, ao contrário da razão – que é uma edificação –, suporta melhor os abalos e as mudanças porque se adapta às modificações de curso sem perder o seu leito. Enquanto a razão trabalha com certezas, o afeto trabalha com convicções. Por isso Mário Pedrosa é uma pessoa de convicções. Por isso também Mário Pedrosa é uma pessoa da pluralidade, porque, enquanto as certezas da razão são excludentes, as convicções da pluralidade são inclusivas. A convicção que norteia sua ação e seu pensamento é a liberdade, como essência e potência da vida. Seu compromisso ético é com a liberdade.

A tradução teórica desse compromisso ético são o marxismo e a Arte Moderna, que vão lhe fornecer os filtros necessários para depurar a sua percepção e apreensão da realidade do mundo. Ambas manifestações são expressões da vontade de liberdade: o marxismo, de libertar-se da subjugação milenar do homem pelo próprio homem, e a Arte Moderna, de libertar as artes plásticas de sua dependência secular dos vínculos, estabelecidos pela tradição renascentista, com a representação da realidade externa.

Ambos se isolam da realidade imediata do mundo para poder retornar a ele de forma mais potente, modificando as relações até então estabelecidas. O marxismo abriga-se na utopia, fazendo dela arma poderosíssima a ponto de rachar politicamente o mundo em dois e redefinir todas as relações sociais. Mesmo hoje, diante da globalização, em que se tem uma sensação de que o capitalismo venceu, sabemos que não se pode mais pensar as relações do mundo contemporâneo fora de um compromisso socialista que garanta melhores condições de vida para todos. A Arte Moderna, da mesma forma, abriga-se na própria realidade da arte, isto é, o conteúdo da arte passa a ser os próprios elementos constituintes das artes plásticas como cor, forma, textura,

figura, fundo, superfície, profundidade, etc....  
Enfim, mata a representação naturalista clássica para poder salvar a própria arte.

O que o marxismo e a Arte Moderna vão realizar é a recuperação de uma nova objetividade para o mundo, capaz de sustentar uma outra relação com a realidade, que estava se deteriorando. E a equação fundamental dessas duas manifestações era o desejo de conservar a vida, fazendo da luta pela liberdade a objetividade necessária para que a vida não perdesse seu contorno, desfazendo-se na falta de sentido. Por isso são estruturas revolucionárias. Precisam romper com o passado e apontar a seta do tempo na direção do futuro, porque ele é o verdadeiro aliado da construção. Sem estarem a serviço uma da outra, essas duas manifestações objetivavam construir novas relações do homem com a realidade, visando à conservação da alegria da vida, que é quando ela pulsa na liberdade. Só no momento imediatamente após a Revolução Russa essas duas pulsões caminharam lado a lado, respeitando cada uma a necessidade da outra. A revolução bolchevique aceitou o Construtivismo russo como manifestação igualmente revolucionária, capaz de contribuir para a construção espiritual de um novo homem.

Mário Pedrosa engajou-se fortemente nesse projeto e foi, entre nós, uma espécie de guardião dessa idéia até o final de sua vida. Certamente um dos poucos no mundo que conservou um compromisso ético consigo mesmo, que é o de ver o mundo pela fresta da invenção como construção da liberdade. Por isso, no final dos anos 50, imediatamente após os jovens artistas construtivos, que estão empenhados em formular uma nova linguagem para as artes plásticas brasileiras, que é o neoconcreto; ou coloca-se contra o regime militar de 64; ou após Allende no Chile, lançando a idéia e organizando o Museu da Solidariedade; ou, na sua volta do exílio, percebe a importância do Partido dos Trabalhadores e a dimensão de Lula como líder político, tornando-se fundador do Partido dos Trabalhadores; ou canaliza suas reflexões estéticas para pensar e organizar a exposição Alegria de Viver, Alegria de Criar, sobre os povos indígenas do Brasil; ou, após o incêndio do MAM-RJ, propõe a

criação do Museu das Origens, que seria uma forma de enfrentar o ceticismo dos novos tempos e que foi a espinha dorsal da Bienal dos 500 anos.

Enfim, a trajetória de Mário Pedrosa indica, com clareza cristalina, que seu empenho intelectual e sua ação visavam a um compromisso, consigo mesmo e com a sociedade, de buscar, através da política e da arte, a invenção como forma de romper com estruturas viciadas ou acomodadas, que pudessem abafar a dinâmica da vida. Por isso ele se referia com frequência à arte como exercício experimental da liberdade e quis destacar, no final de sua vida, a importância de se pensar em estruturas sociais que estivessem comprometidas com a idéia da alegria de viver e da alegria de criar. Infelizmente, o ceticismo cínico de parte de nossa intelectualidade confundiu e ainda confunde suas idéias com um romantismo inconseqüente. Pobres invertebrados, que não percebem a vitalidade do seu pensamento-ação!...

A grandeza de Mário Pedrosa está na vitalidade. Se, no início de sua vida adulta, encontra na Revolução Russa e na Arte Moderna estruturas capazes de construir uma nova objetividade para o mundo, que precisava acertar seu passo com os processos de industrialização e urbanização do século 19, no final de sua vida, encontra no Partido dos Trabalhadores e na arte informada a um só tempo pelas manifestações contemporâneas e populares um novo modelo de objetividade para o mundo, capaz de lidar com o nihilismo autodestrutivo que percebia que a modernidade estava nos levando no final do século 20. Ambos os caminhos indicam sua convicção profunda de que a trajetória do homem trata de exercitar sua liberdade. Arte, política e vida formam uma unidade coesa no pensamento de Mário Pedrosa, e esta, certamente, foi sua maior contribuição, que repercute entre nós até os dias de hoje.

---

Marcio Doctors é crítico de arte, curador da Fundação Eva Klabin Rapaport e do Espaço de Instalações Permanentes do Museu do Açu. Mestre em estética pela Uerj, tem artigos publicados nas principais revistas de arte do Brasil. Recentemente foi eleito para o Conselho Internacional do DAMHIST, órgão ligado à Unesco.

\*Extrato da homenagem a Mário Pedrosa, por ocasião da doação, pela família, de seu arquivo à Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.